



Chrys Chrystello\*

# Começo a ficar farto

De facto não pedi para nascer, mas como já cá ando há muito tenho-me esforçado para que o mundo fosse um lugar melhor, mais justo, equitativo e equilibrado. Tenho de admitir, neste ocaso da vida, que foi um falhanço total, depois de três décadas esperançosas entre 1960 e 1990, isto piorou de forma avassaladora e nem mesmo os enormes avanços da tecnologia me fazem sorrir de otimismo. Não é só esta estúpida invasão da Ucrânia e a guerra iniciada pelos russos, nem apenas o aquecimento global, nem as catástrofes naturais que se multiplicam de ano para ano, é olhar para esta horta plantada à beira-mar e vê-la mirrar sugada por nove milhões de corruptos (ou mais) onde a justiça só se aplica ao pédescalço e os ricos e poderosos escapam por entre os pingos da chuva, onde os banqueiros recebem bónus milionários por mais perdas de lucros ou mais prejuízos que tenham obtido, à impunidade no desporto, na política, na vida em geral. Começo a convencer-me de que a corrupção não só é endémica como genética e isso favorece populismo *cheganos* e outros.

Por momentos admito mesmo que o ditador estivesse certo ao dizer algo parecido a “quanto mais ignorantes, mais felizes”. Os poucos seres pensantes vivem rodeados de preocupações e a maioria da população entretém-se sem elas, por entre futebol, telenovelas, alguma fé e o voyeurismo de programas circenses sem se preocupar com a perda de direitos e liberdades como aconteceu na experiência de controlo de massas (dito Covid-19), ou com a subida dos combustíveis, da inflação, da taxa Euribor.

E aquele sonho de Robinson Crusoe antigo já se desvaneceu e são poucas as ilhas desertas onde se pode sobreviver. Se eu – ao menos – pudesse desligar do que me rodeia, mas para quem foi jornalista toda a vida difícil seria encontrar o botão de desligar como na imagem dos três macacos (cegos, surdos e mudos). Resta-me ler e escrever e fazer de conta que o que se passa em volta não me afeta e tentar manter alguma sanidade nos dias que me restam, isto se, entretanto, ninguém decidir

carregar no botão vermelho...



\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713  
(Australian Journalists' Association MEAA)



Alexandra Manes\*

# A soma de todos os erros

Aconteceu a remodelação do XIII Governo dos Açores. Mais apropriado será chamar de ressurreição, Ressurreição de alguns falecidos politicamente, renomeação de alguns familiares aos aparelhos e ascensão da falsa virgem social-democracia ao poder central da coligação. Afinal de contas, a discussão decorreu em plena Semana Santa, como é de conhecimento comum, ainda que pouco ou nada tenha agradado aos democratas cristãos, ao que parece.

José Manuel Boleiro solidificou a posição de dois antigos estadistas do seu partido, nas Finanças e numa pasta qualquer, inventada à medida, para fomentar o turismo. Duarte Freitas segue para a pasta das Finanças e Berta Cabral acorda do seu sono político para, segundo a própria, dar continuidade à política desenvolvida até então.

Se é para dar continuidade, então, por que sai Mota Borges?

Para além disso, o presidente adormecido quando acordou veio limpar e meter ordem na casa. E foi na Cultura que mais se sentiu essa mudança radical. Talvez tivesse feito falta um padre ou dois, para iluminar as discussões santas, mas enfim, já não vale a pena chorar sobre Assuntos Culturais agora derramados.

O senhor presidente encaminhou a Cultura à guilhotina e repescou os nomes do tempo do outro senhor, para dar um ar de inovação e jovialidade. Afinal de contas, quem não se sente jovem ao pensar em Mota Amaral?

Ao fazer esta transição analógico, José Manuel Boleiro deixou bem clara a sua mensagem ao povo açoriano: “falhei”. Ou se preferirem: “Errei”.

É, certamente, de louvar um presidente que assume os seus erros, mesmo que não o diga diretamente.

Menos louvável é a incerteza sobre o futuro da Cultura, dos Agentes Cultu-

rais e do Património da Região.

O erro principal terá sido a Secretaria ou a sua falta de trabalho e estratégia?

A resposta parece-me óbvia.

Resta saber como será a liderança de Sofia Ribeiro, agora com competência e responsabilidade redobrada. Resta-nos continuar a exigir qualidade, eficácia e visão sustentável. Resta aos Açores acreditar que a Cultura não é uma mera questão de Assuntos, mas antes uma herança e uma profunda manifestação do que todas e todos nós somos.

No entanto, Boleiro não anda à sua velocidade. Tem andando à velocidade do CDS, do PPM e às ordens do chega. E tem toda a legitimidade para andar à velocidade e às ordens de quem quer que seja. Não pode é colocar esta região sob as ameaças e chantagens de quem não sabe o que e como fazer.

Na verdade, açorianas e açorianos não sabem o que esperar do dia seguinte, pois isso dependerá sempre do humor do deputado do chega. Se lhe faltar “palco” na comunicação social (que tantos adjetivos pejorativos lhes tem dedicado) surge mais uma ameaça de fazer o governo cair...e lá voltamos ao carrossel da chantagem.

Não quero deixar passar esta oportunidade para afirmar Abril! Agora que passam 48 anos sobre o 25 de abril de 1974 e que já vivemos mais dias de Liberdade do que em opressão, celebremos e saudemos a Democracia!

25 de abril, SEMPRE!

\* Deputado na ALRAA pelo BE